

Palestra do Guia Pathwork nº 178
Palestra não editada
5 de dezembro de 1969

O PRINCÍPIO FUNCIONAL UNIVERSAL DA DINÂMICA DO CRESCIMENTO

Saudações e bênçãos para todos aqui presentes, para todos aqueles que procuram, buscam, tentam e lutam pela unidade interior. Todos os que aqui estão são motivados, consciente ou inconscientemente, por esse impulso interior. Esse impulso é o puxão da força vital. A força vital contém o impulso que motiva as pessoas em determinadas direções. Talvez elas nem tenham consciência do significado profundo desse impulso interior, nem de sua existência. Muitas pessoas sentem uma vaga urgência interior, mas não conhecem seu significado. Essa urgência pode ser sentida conscientemente por qualquer um, em uma ou outra ocasião. Qualquer pessoa que passe a trilhar um caminho de compromisso como o nosso, no qual se busca a solução para os problemas mais profundos e a realização dos potenciais latentes, tornou esse impulso muito consciente. Outros ainda estão às voltas com a vaga noção de urgência, sem saber de fato o que significa essa inquietação interior. As pessoas que constantemente deixam de ouvir o clamor da voz interior, contida na própria força vital, muitas vezes atravessam profundas crises no decorrer da vida. Muitas crises só podem ser adequadamente entendidas quando esse profundíssimo impulso é reconhecido.

A palestra desta noite trata do tópico do crescimento dinâmico, a unificação espontânea que ocorre no processo de crescimento. Quero discutir a dinâmica – ou parte da dinâmica e seus aspectos – inerente ao processo de crescimento. Toda vida é, até certo ponto, um processo de crescimento. Também nesse caso é bastante proposital e comprometido, ou é uma tentativa aleatória e inconsciente, obstruída pelas forças cegas opostas que puxam para trás, para um estado de estagnação.

Vamos entender um pouco mais a dinâmica do crescimento. Antes de nos aprofundarmos nesse tópico, preciso dizer que essa palestra só pode ser plenamente entendida como uma continuação de todas as palestras dadas este ano. Discorreremos de maneira muito sistemática sobre os diversos passos que vou recapitular sucintamente no final desta palestra. À primeira vista, pode parecer que não há ligação entre esses tópicos. No entanto, quando vocês os percorrem com um entendimento mais profundo, não podem deixar de ver como eles se encadeiam naturalmente.

Primeiramente, vamos conceituar o que é o crescimento. Em geral as pessoas não pensam muito profundamente ao falarem de coisas como crescimento, vida, morte, amor, prazer, etc. Esses conceitos ficaram vazios. É por isso que precisamos reafirmar muitas vezes determinados termos, para que eles tenham sentido. O crescimento não é simplesmente um acontecimento mediante o qual o organismo fica maior. É claro que o crescimento também é uma expansão, mas num sentido particular. Ele implica dominar algo que, antes, a pessoa era incapaz de dominar. Algo dentro do eu

ou à sua volta que representava um empecilho antes de tornar-se parte da esfera do eu, depois que o obstáculo é dominado.

Quando um obstáculo não é dominado, há uma desunião, dentro do eu ou entre o eu e o mundo exterior. Depois do crescimento, essa desunião passa a ser união. Portanto, o crescimento é sempre um processo de unificação. Sempre implica atravessar um vazio, dominar um conflito, resolver uma contradição ou aparente contradição. Isso se aplica a todos os níveis do ser. Vamos tomar um exemplo muito simples, no plano superficial do domínio físico. Quando um bebê começa a ficar de pé e aprende a andar, para esse bebê existe uma desunião entre seus poderes físicos, as leis da gravidade e o mundo que o cerca. Parece existir uma contradição ou uma divisão entre o mundo e ele, enquanto não adquire a capacidade de andar. Uma vez adquirida essa capacidade, a desunião desaparece. O que era a princípio uma disparidade passa a ser agora o aumento do campo de operação da entidade em questão. Sua esfera de atuação aumentou, ele passou a possuir um novo “pedaço” do mundo que não possuía antes. Assim, os esforços de crescimento propiciaram expansão, aumento do raio de existência, mais poder e unidade, onde antes havia limitação de poder e do raio de existência, bem como desunião. Não aprender a andar torna a entidade impotente, dependente e impede que afluam seus potenciais latentes de caminhar e assim conquistar o mundo nesse aspecto específico. Cria uma infelicidade específica, uma fraqueza, uma dor, uma limitação, aspectos esses que são todos superados uma vez adquirida a capacidade de andar.

Cada fase da vida de um ser humano significa uma nova aventura em novo território ainda não conquistado. O mesmo se aplica à evolução total de uma entidade, de uma para outra encarnação, e mais tarde nas etapas posteriores de ser e criar. A sequência é sempre que, primeiramente, a incapacidade é considerada normal, e nem mesmo reconhecida como tal. Em seguida, ela é reconhecida como obstáculo que pode ser superado. Depois, começa o esforço de superação. Mais adiante vou discutir em que consiste esse esforço. Somente então vem a vitória, a nova posse de novas faculdades. Isso se aplica a todos os níveis. Um conflito psicológico expressa um princípio idêntico ao descrito no exemplo do bebê que aprende a andar. Antes de a dificuldade específica ser reconhecida como tal, há um senso inconsciente de impotência e limitação. Depois, o problema é reconhecido como problema. Em seguida, a entidade decide fazer algo a respeito e vislumbra a possibilidade de sanar a desunião. Nesse momento, ela entra em uma trajetória de luta, de busca, de tentar, de colocar à prova suas faculdades de diversas maneiras. No fim, será atingida uma nova unidade que proporciona um novo poder de vida e poder sobre a vida. Território anteriormente estranho e inacessível passa a ser o território familiar onde a pessoa se sente à vontade e bem consigo mesma e com a vida. Isso é crescimento. A posse desse novo território familiar também proporciona uma nova segurança e paz. Pois o novo poder elimina a velha impotência, com a insegurança e o medo que a acompanham.

Todo crescimento combina funções voluntárias e involuntárias. Se a ênfase não for distribuída por igual, o crescimento não pode realmente ocorrer harmoniosamente. O produto acabado do crescimento aparece sem esforço. É uma manifestação das faculdades involuntárias que respondem às voluntárias. As faculdades voluntárias exigem esforço sob vários aspectos. Esforço de persistência e perseverança, de tentativas e busca, de procurar sempre novas modalidades até todas elas se encaixarem, de colocação do eu à prova, de eliminação de defesas e vaidades, de coragem e autenticidade para com o eu. Tudo isso é esforço. Talvez seja o esforço mais importante, quando a linha de menor

resistência é superada repetidas vezes. A descoberta de uma nova dimensão da vida não pode sobrevir sem as dores do parto, que são basicamente o esforço constante para testar diferentes abordagens e novas maneiras de finalmente conseguir a unificação. Falo de dores do parto não apenas de maneira alegórica, pois cada nova unificação tem um pouco de renascimento espiritual. O nascimento é sempre a redescoberta do eu, o eu em nova forma, com mais faculdades reveladas e ativadas. Cada nova habilidade adquirida é, de certo modo, um renascimento. É a descoberta de uma nova esfera da vida por meio da descoberta de uma nova faculdade do eu. É o que elimina a lacuna provocada pela falta daquela habilidade.

No entanto, depois que o esforço é feito, quando ocorre a verdadeira unificação como resultado do crescimento, ela acontece involuntariamente. Parece acontecer sozinha, por assim dizer. Parece nada ter a ver com os esforços anteriores. Na realidade, isso pode ser tão enganoso que as pessoas se iludem, acreditando que teria acontecido de qualquer forma, e que todo aquele esforço poderia ter sido poupado. Da mesma forma, quando o resultado é esperado como uma manifestação visível direta das faculdades voluntárias, essa expectativa é frustrada e acaba se tornando desanimadora. Assim, é extremamente importante, meus amigos, vocês conhecerem esses dois lados do processo de crescimento da criação. Isso se aplica tanto aos menores detalhes quanto aos maiores e mais importantes aspectos do desenvolvimento espiritual de vocês. Aplica-se à meditação, que deve combinar os dois lados que delineei antes. E aplica-se à mais rotineira aquisição de uma nova habilidade.

O esforço das faculdades voluntárias também inclui uma atitude certa em relação às funções voluntárias e involuntárias. É preciso buscar constantemente esse equilíbrio. A própria busca precisa ser testada; é preciso atingir o equilíbrio certo entre o esforço direcionado e a disciplina, mantendo ao mesmo tempo a descontração. Cada passo do crescimento, cada vitória sobre o conflito, a confusão, a ignorância e a desesperança representa uma nova habilidade, um novo domínio sobre a vida, uma nova unificação, primeiramente dentro da pessoa, e conseqüentemente entre a pessoa e a vida.

Nestas palestras eu falo com frequência sobre o dualismo da esfera terrestre, ou melhor desse estado de consciência, em contraposição ao princípio unificado da realidade última. É isso o que quero dizer. Toda a vida é uma progressão para atingir maior unidade e eliminar mais e mais áreas de desunião. Cada novo estado de unidade adquirida é uma zona de segurança, uma nova fronteira, uma nova base própria. À medida que ocorre o crescimento, desuniões até então desconhecidas são detectadas nessa nova base própria. A entidade começa a aventurar-se em novo território, mais uma vez por meio de tentativas e tateios, lutando para unificar a desunião descoberta. E assim ele prossegue, até encontrar a união total. Pode até parecer mais seguro permanecer na velha desunião do que aventurar-se a uma nova unidade. Mas só parece ser assim por causa do esforço necessário. Se o esforço for percebido como algo inorgânico, algo que “não deve existir”, ele é sentido como mau e indesejável. Se for percebido como um movimento da vida, ele é sentido como desafiador e agradável. Com essa atitude, vai revelar-se a distribuição certa de esforço e não esforço, o equilíbrio certo entre as faculdades voluntárias e involuntárias.

Quando as faculdades involuntárias finalmente se manifestam, a nova habilidade passa a ser – às vezes de uma maneira bastante súbita – uma parte natural da personalidade, que não demanda esforço. Isso também se aplica a todos os níveis da pessoa. No nível físico, qualquer um sente a dife-

rença entre a fase de esforço voluntário, do trabalho duro de praticar, aprender, tentar, e a naturalidade que está presente quando aquela habilidade, de repente, se transforma em segunda natureza. Isso pode ser observado nos esportes ou no plano mental, depois que a pessoa adquire uma nova atitude ou novas respostas emocionais. Por exemplo, quando vocês lidam pela primeira vez com uma destrutividade específica, uma negatividade particular, é impossível alterá-la à vontade. Em vez disso, vocês precisam usar a vontade para, por meio de tentativas, chegar a um entendimento mais profundo e reconhecimento do problema, para ver sua origem e seus efeitos, enfrentar os resultados, querer de fato mudar. Tudo isso é volitivo. Depois, subitamente, vocês registram uma nova maneira de reagir, começam a reagir espontaneamente de uma maneira construtiva e positiva. Isso é unificação espontânea. Nesse momento, a nova habilidade, atitude, reação, sentimento ou atividade deixa de exigir o esforço trabalhoso de pensar e querer.

Quando vocês ficam dilacerados pela aparente futilidade, pela dor provocada pela existência de alternativas igualmente indesejáveis que tornam a própria vida fútil e indesejável, vocês estão em extrema desunião (no aspecto específico relativo à dor e ao conflito). Vocês supõem que não existe saída e essa premissa é uma negação do processo de crescimento que a vida é em todos os momentos. Por outro lado, a sua disposição em encontrar uma solução é um compromisso para com a vida e uma nova área de expansão da sua personalidade. É a prontidão para um novo domínio sobre a atual impotência e restrição. A maior dificuldade é sempre dar o primeiro passo, quando vocês ainda nem sabem qual é a sua desunião específica, ou melhor, as suas desuniões específicas. Pois, naturalmente, há muitas desuniões em vários aspectos. As faculdades voluntárias precisam firmar-se para encontrar, afirmar, enfrentar e confrontar a desunião específica do momento a superar, nomeá-la, por assim dizer. Depois, como mencionado, o compromisso interior e o empenho em superar fazem parte das faculdades volitivas. É somente depois desse passo que se desenvolve um processo alternativo no qual o involuntário gera reconhecimento, inspiração, orientação, revelação, acrescentando peça por peça ao quebra-cabeças, até que tudo se encaixa. Quando ocorre essa alternância, todo novo insight exige um novo compromisso, uma nova busca, até se revelar qual é o próximo passo natural. E assim continua o processo. Na realidade essa é uma descrição não apenas do processo da unificação espontânea, do crescimento dinâmico, mas do próprio caminho, que é tudo isso. Parte das faculdades voluntárias é admitir sempre, mentalmente, que existe uma unidade potencial onde existe agora uma determinada desunião. É necessário afirmar que essa unidade, que ainda escapa a vocês, pode ser atingida e que, de fato, vocês vão atingi-la. O grau de empenho determinará o resultado. Muitas vezes acontece que o desejo é afirmado em princípio, mas quando chega a hora de dar alguns dos passos mais difíceis da parte voluntária do crescimento dinâmico, a pessoa não se decide a dá-los. Ela recua diante do desagradável, ou do que é aparentemente desagradável. O eu não quer se expor se isso colocar em risco a vaidade, sua imagem aos olhos dos outros. Nesse caso, é preciso questionar preconceitos e ilusões. As áreas de estagnação precisam ser sacudidas e a personalidade total precisa cooperar e se empenhar para possibilitar a unificação espontânea.

Esse empenho da mente e da vontade, das emoções e das atitudes, no que diz respeito ao crescimento emocional, psicológico e espiritual, corresponde à prática constante com relação à aquisição de novas habilidades físicas ou puramente mentais. Estas, em si mesmas, são também unificações que substituem a desunião anterior.

Ao longo deste caminho, o aparecimento da unificação espontânea e sem esforço não ocorre de uma vez por todas. Ela torna a desaparecer, porque a unificação ainda não foi total. Ainda há novos materiais e aspectos a buscar, novas atitudes a adquirir, novo domínio a aprofundar e ampliar. Portanto, faz-se necessário mais esforço voluntário, até se manifestar espontaneamente o segundo aparecimento dessa unificação específica. Depois, ocorrem novas alternâncias com o terceiro, quarto, quinto aparecimento da unificação espontânea, do funcionamento involuntário e sem esforço, até que, de uma maneira muito gradual, a nova habilidade passa a ser uma segunda natureza e se incorpora à personalidade.

A aquisição de uma nova mestria, quer se aplique a habilidades físicas, mentais, emocionais ou espirituais, significa sempre superar uma brecha, uma brecha imaginária, mas que mesmo assim é sentida profundamente e vista como um abismo doloroso. Significa sempre que a dualidade ou desunião ilusórias serão finalmente eliminadas, trazidas de volta a seu estado natural e real.

A desunião é sempre dolorosa e desagradável. O prazer, que foi o tema da última palestra, depende sempre da união. Expandir-se na vida significa um movimento constante de avanço, mediante o qual um mundo até então alheio e aparentemente hostil se torna a casa da pessoa, por assim dizer. Cada unificação significa que vocês tornaram seu um aspecto aparentemente estrangeiro do mundo, de modo que passam a encontrar uma nova sensação de conforto, tranquilidade e paz no contato com o mundo, graças aos esforços para unificar a brecha.

É extremamente importante que vocês entendam tudo isso, meus amigos. É comum vocês usarem os termos expansão, crescimento, experiência, etc., com muita liberdade. Mas também é muito comum usarem essas palavras sem entender plenamente o que elas significam no nível mais profundo.

Recapitulando, o crescimento e a unificação espontâneos e sem esforço somente podem ocorrer como resultado de esforço e luta. Isso requer um movimento de avanço na vida. Esse movimento precisa ser equilibrado e descontraído; é preciso se esforçar, mas o esforço precisa ser disciplinado e descontraído, ao invés de tenso ou rígido. Um esforço desse último tipo revela uma relutância inconsciente. O esforço do primeiro tipo é possível quando não existe relutância. Portanto, se vocês perceberem que não conseguem exercer um esforço descontraído, devem investigar e averiguar qual é a relutância inconsciente em avançar. O movimento descontraído é agradável por si mesmo, enquanto o movimento rígido que encobre a relutância oculta é doloroso. Ao invés de negar a relutância oculta, vocês precisam voltar a atenção para ela.

O movimento descontraído e determinado em direção à vida, para realizar mais e mais unificações, é em si mesmo prazeroso, embora difícil, desafiador, e muitas vezes mesmo fatigante. Cada unificação conseguida traz prazer e cada prazer leva a mais unificação. E dessa forma continua interminavelmente, a corrente da vida. A unificação traz e é prazerosa quando a pessoa deixa de vê-la como algo a ser “vencido”. Assim, o cosmo todo ficará unido ao eu, e o eu a ele.

A contração, a restrição, a estática, o não movimento, a estagnação indicam que a personalidade se contenta com um estado muito limitado. Portanto, a dinâmica do crescimento, além de eliminar a desunião, também domina a ignorância e a negatividade. Domina as concepções errôneas. Estas levam sempre a mais divisão, cisão, desunião. Mas elas derivam de uma tentativa errônea de encontrar a união. Vocês já me ouviram dizer anteriormente que a neurose é, em si mesma, uma tentativa errônea de encontrar a saúde e o bem-estar. A seu modo cego, ela faz as pazes com algo que é traumático e doloroso. Neste caminho, vocês já constatarem muitas vezes as concepções errôneas que equacionam, por exemplo, o amor à dor e ao perigo, o prazer à humilhação e à vergonha, a autoafirmação à agressão inaceitável, e muitos outros. Assim, um aspecto vital da vida precisa ser negado, porque seu subproduto aparente é indesejável demais. Esses são exemplos típicos de falsas unificações que precisam ser cindidas de novo - desunidas - para que se encontre a harmonia, a plenitude, a completude e a verdadeira unificação.

Em resultado dos equívocos, da negatividade e das atitudes destrutivas, todos os movimentos de avanço parecem ser perigosos. De fato, às vezes é preciso rasgar para depois unir. É preciso agitar aquilo que está numa “paz” temporária e limitadora, que representa um custo e um desperdício. O movimento de avanço parece ir de um lugar aparentemente seguro para o perigo. A vida estagnada, restritiva, limitada, em que a pessoa não ousa dar um passo à frente, tem a aparência da segurança. Qualquer um de vocês, meus amigos, que já estejam neste caminho, examinaram e confrontaram alguns dos sentimentos, atitudes e respostas mais ocultos e irracionais, como os que discutimos agora. O que está por trás deles, de uma ou outra forma, são sempre as resistências, das quais vocês começam a tomar consciência. Se vocês as questionarem com a mente aberta e com muita simplicidade, verão que a resistência ao crescimento é medo de que a insistência em não sair do lugar e permanecer como vocês são (mesmo que saibam, vagamente, que isso significa sacrificar a felicidade, o prazer, a plenitude, o amor, a expansão) deve-se à ideia de que é somente dessa maneira que vocês podem ter segurança. Em outras palavras, os equívocos que fomentam a estagnação são a segurança ilusória de um modo de vida limitado. A ignorância e a falta de domínio parecem ser a segurança. Procurar um minúsculo ponto como base para a vida, como marco de referência, o movimento, o ser de vocês dentro de uma exígua circunferência não passa de uma renúncia ao seu destino universal. Contentar-se com as cercas confinadoras é negar a vida e o crescimento. Negar o prazer. Conviver com um desperdício muito desnecessário do mais valioso poder espiritual que o homem possui no fundo de sua alma. Mas para desenvolver esses poderes, os privilégios do homem são desafio, esforço, domínio. Esses privilégios devem ser escolhidas de livre e espontânea vontade. Então, o crescimento se transforma em aventura e prazer.

Em vista dessa verdade, não crescer é um pecado contra a vida. Essa pode parecer uma afirmativa boba, mas é verdadeira. Como vocês são uma expressão do divino, como são Deus, seu direito intrínseco, seu destino é se realizarem, fazendo unificações sempre maiores e em maior número, adquirir mais e mais habilidades espirituais para eliminar a desunião, livrar-se da desunião, gerar bem-aventurança por meio de mais união, em novas áreas, sempre.

Muitas pessoas buscam ativamente aumentar sua capacidade física e/ou mental. Isso também é valioso. Também é um movimento em direção à vida. Também representa domínio sobre a desunião. Não saber o que desperta seu interesse específico também representa uma limitação. Obter

novas capacidades proporciona um novo prazer, o domínio de si mesmo. Assim, mais um pedaço do cosmos é incorporado ao mundo da pessoa em questão. Além disso, os passos que levam a esse novo domínio são, basicamente, os mesmos que são necessários quando a pessoa está descobrindo e ampliando o universo interior. São necessários os mesmos atributos fundamentais, embora em um caso a pessoa esteja lidando com aspectos externos, muitas vezes mecânicos, da vida, e em outro, com o eu mais íntimo e da essência da vida. Mesmo quando o exterior serve como um simples substituto da expansão interior da vida, ele ainda é preferível à estagnação completa, que fatalmente acaba na morte temporária, física. O verdadeiro crescimento e domínio espiritual, o crescimento dinâmico no nível interior, a unificação espontânea das brechas emocionais, psicológicas, e portanto espirituais, mantêm o equilíbrio e a harmonia interiores, a partir dos quais surgem de maneira natural, desembaraçada e sem esforço a orientação intuitiva e o conhecimento que levam às unificações exteriores. As habilidades físicas e mentais, o crescimento intelectual, tudo isso tem seu valor. Mas quando esses elementos são almejados como um substituto do crescimento interior, eles perdem o propósito, podendo em muitos casos passar a ser uma atividade exagerada. Quando o crescimento interior é o centro do ser de uma pessoa, tudo o mais se encaixa, sem que o pêndulo oscile de um extremo a outro. Os objetivos não essenciais são abandonados.

Quando a verdade cósmica é ignorada, existe necessariamente desunião, na medida em que existir ignorância. O destino de todas as entidades é eliminar essa ignorância, esforçando-se para conseguir essas unificações, passo a passo. As mais difíceis são aquelas que se referem aos níveis emocionais mais ocultos e mais interiores, pois as emoções não podem ser manejadas à vontade, e nem sempre são totalmente conscientes. Assim, é necessária uma busca para averiguar a desunião antes de começar o trabalho de unificação. Os seres humanos passam por diversas etapas em sua evolução geral. Quando são mais primitivos, precisam tratar dos níveis exteriores. Mais tarde, sua tarefa reside na unificação do mundo interior.

Quando uma pessoa está ampliando seu universo, ao tentar unificar situações de desunião e conflito que são dolorosas, é essencial confiar nas funções involuntárias. Essa confiança é adquirida vagarosamente pois, a princípio, todos partem da falta de confiança. Isso vai dar a vocês a oportunidade de sentir essa confiança. Todo o esforço necessário será desperdiçado se não se permitir que as funções involuntárias se manifestem. Elas não podem se manifestar nem ser reconhecidas se a consciência não abrir espaço para elas e, em seguida, der atenção a elas, de uma maneira descontraída, calma, paciente e confiante. Essa é uma parte vital do procedimento de crescimento. Quando vocês perceberem que seus esforços não podem provocar um resultado direto, e sim um resultado inesperado, espontâneo, dinâmico, talvez quando menos esperarem, e vocês esperarem com prontidão interior, a harmonia entre as faculdades voluntárias e involuntárias se instalará, em princípio. Isso é o mais importante. Ao falar em harmonia, não quero dizer necessariamente que a medida do esforço seja igual. Meses de tentativa e erro com os processos voluntários da mente e da vontade podem suscitar espontaneamente uma sensação interior que brota em uma fração de segundo. Não dura muito tempo, mas sua profundidade e intensidade, sua importância em termos de mudança, de segurança, de realização do que a vida é, são tão profundas que não podem ser dimensionadas pelos esforços da vontade e pelo empenho. Portanto, a harmonia entre as faculdades voluntárias e involuntárias consiste basicamente em dar espaço para ambas nas atitudes, na consciência, na expectativa, na perspectiva e na atividade. Ela requer que vocês descubram, por tentativa e erro, como e quando combinar e alternar essas duas funções.

Vamos supor que vocês já tenham dado meticulosamente os quatro passos sugeridos na minha palestra sobre a negatividade. Ao chegar ao quarto passo, muitas vezes a falta de clareza com que vocês encaram a manifestação espontânea dos poderes involuntários que possuem constitui um entrave. O fato de vocês não acreditarem realmente neles enfraquece a declaração e a afirmativa de que querem ter uma atitude positiva em lugar da negativa. Ou que querem abrir mão do medo e da resistência ao prazer e abrir mão dos papéis e fingimentos que atrapalham esse objetivo. Esse desejo precisa ser afirmado com calma confiança, com firme convicção. A essa altura, o voluntário precisa abrir espaço para o involuntário, até ocorrer a manifestação indireta, a unificação espontânea. Vocês deixam que isso aconteça quando querem de uma maneira descontraída e determinada. Esse é o casamento do voluntário e do involuntário, dos princípios ativo e passivo.

Se o crescimento for visto sob esse ângulo, grande parte do medo, da desesperança e do esforço desperdiçado será eliminada. O esforço de vocês será mais firme. Ao mesmo tempo, vocês sentirão menos impaciência em relação ao tempo exigido para criar a unificação onde agora existe a desunião.

Antes de passarmos para as perguntas, gostaria de mostrar a vocês a importância da sequência de palestras que dei este ano. Na primeira, tratamos do processo criativo em si, da criação de circunstâncias de vida positivas ou negativas com que todo ser humano se depara, intencionalmente ou não, por causa do que ele acredita, pensa, quer, sente, deseja. Mostrei que viver e ser significam inevitavelmente criar, pois a substância da vida é modelada constantemente por todas as expressões do ser consciente e inconsciente de uma pessoa. Com relação a esta palestra sobre a dinâmica do crescimento e da unificação, fica evidente que a pessoa que se aventura na vida com o intuito de superar a desunião cria uma vida totalmente diferente daquela que se contenta com limites estreitos. Na segunda palestra, falei sobre a importância da negatividade do homem e como ela cria sofrimento, fracasso, descontentamento – e no entanto como parece ser difícil abandoná-la, pois o processo criativo exerce um fascínio sobre a pessoa. Com respeito à palestra de hoje, discuti a criação da negatividade e de uma vida de limites estreitos que gira constantemente em torno de si mesma, da negatividade que gera desunião ao invés de unidade, dor ao invés de prazer. No tocante à dinâmica dos processos espontâneos de unificação e crescimento, a criação de uma vida mais ampla, unificada, de contentamento e prazer ao invés de uma vida estreita, desunião e dor depende do compromisso interior e da decisão de cada um. Com respeito à terceira palestra sobre o prazer e sua importância na criação, fica evidente, ao considerarmos a palestra desta noite, que o prazer só é possível em um estado unificado, em expansão, sempre ampliado. Quando vocês passam pelas cercas estreitas (que vocês mesmos criaram), mais e mais do universo passa a ser de vocês, e dessa maneira vocês cumprem o seu destino. As funções voluntária e involuntária, na verdade, não são separadas. Elas são tão separadas ou não separadas quanto a inteligência, a consciência de cada um é separada ou não separada da inteligência universal. Depende do grau de percepção da verdade universal. Elas são separadas unicamente porque existe uma divisão na consciência de vocês. Mas na realidade, é uma só e a mesma coisa – uma só consciência, uma só faculdade de poder, de inteligência, de criatividade, de saber, de fluir. Essa é a realidade.

Mas como ela se manifesta para vocês, no seu estado atual de consciência e no seu referencial humano limitado, parece que vocês estão lidando com duas faculdades totalmente diferentes, com

dois “cérebros” inteiramente diversos: o interior e o exterior, o consciente e o inconsciente, o diretamente disponível e o indiretamente disponível.

Essas palavras são apenas um roteiro com o qual vocês podem trabalhar e tentar cada vez mais transformar a desunião em unificação espontânea, e mais desunião depois de uma unidade limitada que traz outra desunião, mais ampla e mais diferenciada para vocês trabalharem e eliminarem, de modo a obter uma unidade mais ampla, mais profunda e menos diferenciada, e assim por diante – de modo que a vida de vocês possa se expandir e vocês possam cada vez mais ser senhores no que agora são fracos, impotentes, dependentes; para que sejam mais e mais venturosos quando agora sofrem; para que estejam cada vez mais do lado da verdade quando agora estão errados. Erro, dor e sofrimento, impotência, estagnação e desunião são um bloco. E prazer, crescimento, unificação e expansão são outro. Que vocês possam sempre fazer a escolha. Que possam sempre renovar o compromisso com o que é verdade, com o que é amor, com o que é crescimento. Sejam o Deus que verdadeiramente são.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.